

PAULO OLIVEIRA:

Uma história de liderança, liberdade e transformação

MARIA PAULO MANHIÇA:

A Engenharia Informática ao serviço da inovação e do desenvolvimento de Moçambique



Aos 41 anos, Maria Paulo Manhiça representa uma trajectória marcada pela persistência, pela curiosidade e pela convicção de que a tecnologia pode ser um instrumento decisivo para transformar vidas e impulsionar o desenvolvimento de Moçambique. Natural de Maputo, engenheira informática, empresária, esposa e mãe de quatro filhos, tem procurado conciliar as responsabilidades familiares com uma carreira dedicada à inovação e à procura de soluções para desafios concretos da sociedade. A sua história demonstra que o percurso até à realização profissional nem sempre é linear, mas pode ser construído com deter-

minação, capacidade de adaptação e coragem para fazer escolhas diferentes.

Com cerca de nove anos de experiência profissional, Maria Manhiça desenvolveu competências nas áreas de análise de sistemas, programação, desenvolvimento de aplicações, testes e manutenção de soluções informáticas. Ao longo deste percurso, compreendeu que a Engenharia Informática não se limita à criação de programas ou ao domínio de ferramentas tecnológicas. Trata-se, sobretudo, de identificar problemas, compreender as necessidades das pessoas e transformar conhecimento técnico em soluções capazes de melhorar processos, reduzir dificuldades e criar oportunidades.

A sua ligação à engenharia, contudo, começou muito antes da entrada na

universidade. Na infância, a curiosidade já revelava uma tendência para questionar o funcionamento das coisas. Uma das recordações mais marcantes desse período está relacionada com um rádio que decidiu desmontar para descobrir de onde vinham as vozes que ouvia. A experiência terminou com o aparelho danificado, mas também com uma pergunta que ficaria na memória da família.

Quando o pai regressou do trabalho e quis saber por que razão tinha estragado o rádio, a resposta da menina foi simples: queria descobrir de onde vinham as vozes e como tinham entrado naquele aparelho. A reacção do pai transformou

A primeira aproximação mais concreta a esse universo aconteceu quando frequentava a 10.ª classe. A escola foi abrangida pelo projecto Mulher na Engenharia, promovido pela Faculdade de Engenharia da Universidade Eduardo Mondlane, que procurava aproximar as alunas dos cursos de engenharia e apresentar-lhes possibilidades de formação num domínio onde as raparigas tendiam a ser menos representadas. A visita à faculdade despertou-lhe um interesse particular pela Engenharia Electrotécnica, área que a encantou numa fase em que a Engenharia Informática ainda não fazia parte das opções que conhecia.

O acesso à formação universitária, porém, não aconteceu de imediato. Maria concorreu durante três anos à Universidade Eduardo Mondlane, sem conseguir a admissão pretendida. Foi então que surgiu uma alternativa através de uma sugestão da irmã, que lhe falou da Escola Náutica. Decidiu concorrer e foi admitida no curso de Engenharia de Máquinas Marítimas. Embora não se identificasse plenamente com a área, optou por prosseguir os estudos, demonstrando uma persistência que viria a caracterizar outras etapas da sua vida.

Já no último ano de formação, participou, com um grupo de colegas, num projecto apresentado numa feira de Ciência e Tecnologia promovida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Foi nesse contexto que teve conhecimento de uma oportunidade de bolsas de estudo disponibilizada pela TRANS-COM, através de provas de Matemática e Física realizadas online. O desempenho de Maria colocou-a no primeiro lugar, garantindo-lhe uma bolsa para estudar Engenharia Mecânica e de Transportes no Instituto Superior de Transportes e Comunicações.





Apesar da conquista, decidiu abdicar dessa primeira opção. A experiência anterior na engenharia mecânica tinha-lhe mostrado que não era naquela área que encontrava a motivação que procurava. Por isso, escolheu a alternativa de formação técnica em Sistemas Informáticos, no Instituto de Transportes e Comunicações. O contacto com a informática despertou uma identificação que até então não tinha encontrado, levando-a a concorrer novamente à Universidade Eduardo Mondlane, desta vez para Engenharia Informática. Foi admitida, concretizando finalmente o objectivo que a acompanhava desde a infância.

Essa passagem por diferentes percursos académicos tornou-se uma das experiências mais importantes da sua formação pessoal e profissional. Em vez de interpretar os desvios como fracassos definitivos, Maria aprendeu a reconhecer quando uma escolha não correspondia às suas aspirações e a procurar alternativas. A sua história evidencia que persistir num objectivo nem sempre significa

seguir o mesmo caminho, mas manter a visão e ter flexibilidade para ajustar a estratégia até encontrar uma oportunidade compatível com as próprias capacidades e interesses.

Na vida profissional, essa mesma postura reflecte-se na forma como encara a inovação. Para Maria Manhica, a Engenharia Informática tem um papel essencial no desenvolvimento de Moçambique, sobretudo num contexto em que cidadãos, empresas e instituições continuam a enfrentar dificuldades relacionadas com a burocracia, o acesso à informação, a gestão de recursos e a eficiência dos serviços. A digitalização pode contribuir para simplificar procedimentos, reduzir custos, melhorar a transparência e apoiar decisões mais fundamentadas, desde que as soluções sejam concebidas para responder às necessidades reais dos seus utilizadores.

Na educação, a tecnologia pode ampliar o acesso ao conhecimento e criar novas possibilidades

de aprendizagem para jovens que vivem em zonas com menos recursos. Na saúde, pode facilitar a gestão de informação e melhorar

afectam a circulação da informação, a logística e o acesso aos mercados.

Para Maria, a tecnologia

outras áreas da engenharia e do conhecimento contribuem para responder às necessidades logísticas, operacionais e produtivas. O



o acompanhamento dos pacientes. Nas empresas, pode automatizar tarefas, organizar operações e tornar os processos mais eficientes. Contudo, a engenheira defende que o impacto tecnológico depende da compreensão do contexto em que as ferramentas são implementadas. Uma aplicação tecnicamente avançada não será necessariamente útil se os seus destinatários não tiverem acesso à internet, equipamentos adequados ou competências para a utilizar.

É esta perspectiva prática que orienta a sua intervenção no agronegócio, um dos sectores em que concentra actualmente os seus esforços de inovação. Em Moçambique, muitos produtores agrícolas enfrentam dificuldades para encontrar compradores e comercializar a produção em tempo útil, enquanto hotéis, supermercados e outros agentes económicos podem ter problemas em identificar fornecedores locais capazes de responder às suas necessidades. Esta distância entre quem produz e quem procura produtos agrícolas revela um conjunto de ineficiências que

pode ajudar a reduzir essas barreiras, mas a solução exige uma abordagem multidisciplinar. A Engenharia Informática pode criar plataformas de comunicação, gestão e acesso à informação, enquanto

desenvolvimento do agronegócio, na sua visão, depende da colaboração entre diferentes competências e da capacidade de integrar soluções que respondam aos desafios de toda a cadeia de valor.



É neste contexto que surge a GWAZO, uma plataforma tecnológica que pretende aproximar produtores, compradores e prestadores de serviços, facilitando o acesso aos mercados e criando novas oportunidades económicas. A iniciativa procura responder a dificuldades concretas do sector agrícola, promovendo uma maior ligação entre os diferentes intervenientes e contribuindo para uma organização mais eficiente das actividades comerciais. A ambição de Maria vai além da criação de uma ferramenta digital: pretende participar na construção de um ecossistema agroalimentar mais integrado, inteligente e inclusivo.

A plataforma representa também uma aposta na utilização da tecnologia para gerar valor económico e impacto social. Ao facilitar a ligação entre produtores e compradores, a GWAZO pretende contribuir para melhores condições de comercialização, maior disponibilidade de informação e oportunidades de participação económica para diferentes agentes do sector. Na visão da sua fundadora, a inovação pode desempenhar um papel importante na valorização da produção nacional, desde que esteja associada a uma compreensão profunda das necessidades do mercado e das condições enfrentadas pelos produtores.

Paralelamente, Maria Manhiça fundou a MPM Technologies & Business Innovation, empresa através da qual procura desenvolver soluções tecnológicas, promover a transformação digital e explorar oportunidades de inovação. A iniciativa reflecte a sua convicção de que os profissionais moçambicanos não devem limitar-se a utilizar produtos desenvolvidos noutros mercados, mas podem também criar soluções próprias, adaptadas às características económicas, sociais e culturais do país.

A construção de projectos empresariais num sector em permanente evolução exige, contudo, capacidade de adaptação e aprendizagem contínua. A engenheira reconhece que as ferramentas, as linguagens de programação e as metodologias de trabalho mudam constantemente, obrigando os profissionais a actualizar conhecimentos e a rever práticas. A experiência como analista e programadora ensinou-lhe que o desenvolvimento de sistemas envolve muito mais do que escrever código: é necessário analisar requisitos, compreender os utilizadores, testar funcionalidades, identificar erros, produzir documentação técnica e garantir que a solução final corresponde ao problema que se pretende resolver.

Entre os desafios mais exigentes do seu percurso está a conciliação entre a carreira profissional, a vida familiar e a construção dos próprios projectos empresariais. Ser mãe de quatro filhos, esposa, engenheira e empreendedora implica gerir diferentes responsabilidades, tomar decisões e organizar prioridades. A essa realidade juntam-se as dificuldades que podem

surgir quando uma ideia inovadora precisa de ser transformada num projecto sustentável, particularmente num contexto em que o acesso ao financiamento e a outros recursos nem sempre é simples.

Estas experiências ensinam-lhe que a persistência deve ser acompanhada de capacidade de adaptação. Avançar com recursos limitados pode exigir soluções progressivas, aprendizagem com os erros e ajustamentos ao plano inicial. Para Maria, não é necessário esperar que todas as condições estejam reunidas para começar, mas é fundamental saber avaliar os recursos disponíveis, reconhecer limitações e encontrar formas de melhorar continuamente.

O seu percurso na inovação recebeu reconhecimento público em duas ocasiões relevantes. Em 2024, venceu o Prémio de Inovação do CEDSIF, IP, na categoria de Produto Inovador. Em 2026, foi distinguida pela Federação das Organizações Africanas de Engenharia (FAEO), através do programa Women in Engineering (WIE). Para além do mérito profissional, estas distinções representam um incentivo para continuar a desenvolver soluções tecnológicas e reforçam a importância da participação feminina nos processos de inovação.

A presença das mulheres na Engenharia Informática é, aliás, uma das questões que considera fundamental para o futuro do sector em Moçambique. Na sua perspectiva, muitas barreiras surgem antes mesmo do ingresso na

promoção de clubes de programação e robótica, a criação de programas de mentoria, o acesso a bolsas de estudo e a aproximação das estudantes às profissionais que já trabalham no sector podem ajudar a despertar vocações e a construir percursos mais sólidos. Considera igualmente importante dar maior visibilidade às mulheres que desenvolvem produtos tecnológicos, lideram equipas e criam empresas, mostrando às novas gerações que também podem ocupar esses espaços.

A sua mensagem às jovens é clara: não devem permitir que o medo, os estereótipos ou a falta de referências determinem os seus limites. Acredita que a participação feminina precisa de deixar de ser vista como uma excepção e passar a ser reconhecida como uma componente indispensável do desenvolvimento tecnológico. Para Maria, as mulheres não devem apenas acompanhar a transformação digital; devem participar activamente na sua construção e liderança.

Ao abordar as competências necessárias para uma carreira sólida, a engenheira destaca a importância de combinar conhecimento técnico com pensamento crítico, criatividade, comunicação e capacidade de resolver problemas. A programação, as bases de dados, a arquitectura de software, os testes e a segurança informática constituem competências relevantes, mas o seu valor

depende da capacidade de compreender as necessidades dos utilizadores e de encontrar respostas adequadas. Um sistema pode funcionar tecnicamente e, ainda assim, falhar no seu propósito se não for acessível ou se não resolver uma dificuldade concreta.

Esta visão torna-se particularmente importante perante as transformações associadas à inteligência artificial, à automatização e à cibersegurança. Maria acredita que estas tecnologias irão alterar profundamente o mercado de trabalho, tornando diversos processos mais rápidos e permitindo uma utilização mais eficiente dos dados. Na agricultura, por exemplo, poderão

contribuir para analisar padrões de procura, melhorar o planeamento da produção e apoiar a logística. Na gestão pública e nas empresas, poderão facilitar a automatização de tarefas e a tomada de decisões.

Contudo, considera que a adopção tecnológica deve ser acompanhada de responsabilidade, sobretudo no que diz respeito à protecção de dados, à privacidade, à segurança dos sistemas e aos riscos de exclusão digital. A preparação dos profissionais moçambicanos exige, por isso, aprendizagem contínua, desenvolvimento de competências em inteligência



artificial, análise de dados e cibersegurança, bem como o reforço do domínio da língua inglesa e do contacto com as tendências internacionais. Mais do que acompanhar a evolução tecnológica, defende que é necessário saber aplicá-la aos desafios concretos do país.

A inclusão digital dos jovens constitui outra das suas preocupações. Na sua perspectiva, a tecnologia pode ampliar o acesso à formação, permitir a prestação de serviços à distância e abrir portas ao empreendedorismo, mesmo para quem vive longe dos principais centros urbanos. Para que esse potencial se concretize, porém, é necessário investir em programas de formação acessíveis, espaços comunitários de aprendizagem digital, estágios, incubadoras de negócios e mecanismos de financiamento que ajudem os jovens a transformar competências em projectos sustentáveis.

Maria acredita que o talento existe, mas nem sempre encontra as condições necessárias para se desenvolver. O acesso a equipamentos, à internet, à orientação profissional, aos mercados e às redes de contactos pode fazer a diferença entre uma ideia que permanece no papel e uma solução capaz de gerar emprego e valor económico. Por isso, defende uma maior ligação entre universidades, empresas e instituições públicas, de modo a aproximar a formação académica dos problemas reais do mercado e a criar oportunidades para a aplicação prática do conhecimento.

Nos próximos anos, pretende consolidar a sua actividade como engenheira, empresária e agente de inovação, com particular atenção à expansão da GWAZO e ao desenvolvimento de soluções através da MPM Technologies & Business Innovation. Quer contribuir para um agronegócio mais integrado,

criar oportunidades para produtores e compradores e participar na formação de novos talentos. A sua visão é a de uma tecnologia desenvolvida em Moçambique, a partir das necessidades locais, mas com potencial para alcançar outros mercados africanos.

O legado que ambiciona construir está ligado à demonstração de que é possível transformar desafios nacionais em oportunidades de inovação. Da menina que desmontou um rádio para descobrir de onde vinham as vozes à engenheira que procura aproximar os diferentes intervenientes do agronegócio, existe uma linha de continuidade: a vontade de compreender como as coisas funcionam e de utilizar esse conhecimento para encontrar soluções.

Aos 41 anos, Maria Paulo Manhiça continua a defender que a tecnologia só cumpre verdadeiramente o seu propósito quando melhora a vida das pessoas. A sua trajectória combina persistência pessoal, experiência profissional, responsabilidade familiar e ambição empresarial, mostrando que a inovação não depende apenas do domínio de ferramentas, mas também da capacidade de reconhecer necessidades e de mobilizar conhecimento para lhes dar resposta.

Mais do que desenvolver sistemas, Maria Manhiça procura construir possibilidades. Através da Engenharia Informática, da GWAZO e da MPM Technologies & Business Innovation, trabalha para demonstrar que Moçambique pode desenvolver soluções próprias para os seus desafios, criar oportunidades para os seus jovens e afirmar o talento feminino na transformação digital. Porque, no seu entendimento, o verdadeiro valor da tecnologia não está apenas naquilo que consegue automatizar, mas naquilo que permite transformar.



universidade. A falta de referências femininas, os estereótipos associados às áreas tecnológicas e o incentivo desigual à aprendizagem de disciplinas como Matemática, Física e Informática podem influenciar as escolhas das raparigas desde cedo. As dificuldades económicas, o acesso limitado a computadores e à internet e a escassez de oportunidades de formação prática podem aprofundar essas desigualdades.

Para inverter esta realidade, defende uma intervenção que comece nas escolas e envolva famílias, instituições de ensino, empresas e organizações profissionais. A



**AZORES
FIVE
PROJECT**



Best Advisors
Azorean Coaching, Consulting & Training



A PM SERVICES MAGAZINE

é uma montra comercial
e corporativa de confiança.



Divulgação
de Empresas



Publicidade
Estratégica



Fortalecimento
da Marca



Conexões
que Geram
Oportunidades



Entre em contacto connosco
pelo **WhatsApp:**

+258 86 120 7151

LUCIANA PEIXOTO:

A arte de alinhar imagem, comunicação e propósito

A forma como uma pessoa se apresenta ao mundo pode influenciar a maneira como é percebida, as relações que estabelece e as oportunidades que consegue alcançar. Contudo, construir uma imagem consistente exige muito mais do que escolher a roupa certa ou dominar técnicas de comunicação. Implica compreender a própria identidade, reconhecer competências e encontrar uma forma coerente de expressar o seu valor. É neste encontro entre identidade, comportamento e presença que se desenvolve o trabalho de Luciana Peixoto, jornalista, estrategista de imagem, consultora internacional e criadora do Método Alinhare®.

Com mais de 24 anos de experiência profissional em áreas que se cruzam entre vendas, liderança, jornalismo, imagem e comunicação, Luciana construiu um percurso marcado pela capacidade de adaptação

e pela procura de novas formas de compreender o comportamento humano. A sua história, porém, começou a exigir maturidade muito antes de alcançar reconhecimento profissional. Foi mãe aos 16 anos, uma experiência que a levou a assumir responsabilidades, tomar decisões e desenvolver uma capacidade de superação que viria a influenciar a forma como encara a vida e os desafios.

Essa fase tornou-se parte importante da mulher que é hoje. Ao olhar para o seu percurso, Luciana reconhece que as circunstâncias podem condicionar determinados momentos, mas não precisam de definir o limite das possibilidades de cada pessoa. A sua visão profissional está profundamente ligada a essa convicção: independentemente da fase da vida em que alguém se encontre, existe sempre espaço para desenvolver competências, reconhecer o próprio valor e construir novos caminhos.



Antes de consolidar a sua presença no universo da comunicação, a experiência comercial proporcionou-lhe uma compreensão prática das relações humanas, da negociação e da percepção de valor. Trabalhou com marcas de dimensão internacional, como Havaianas, Red Bull e PepsiCo, e assumiu responsabilidades na liderança de equipas. Nesse ambiente, percebeu que os resultados não dependem exclusivamente da qualidade de um produto ou serviço, mas

também da confiança que se consegue transmitir, da clareza da mensagem e da capacidade de compreender as necessidades de diferentes públicos.

A entrada no jornalismo e na televisão acrescentou novas dimensões a essa experiência. O contacto com as câmaras, as entrevistas, os diferentes assuntos e a responsabilidade de comunicar para uma audiência alargaram o seu olhar sobre a linguagem e a forma como as mensagens são recebidas. Ao longo

de mais de uma década de experiência nestas áreas, aprofundou a compreensão de que comunicar vai muito além das palavras. A postura, o tom de voz, o olhar, os gestos e a capacidade de ouvir também participam na construção de uma mensagem.

Recentemente, Luciana retomou a sua presença televisiva com uma nova temporada do Programa Perfil, cuja estreia aconteceu a 22 de Setembro. Transmitido pela TV Petrópolis, o programa

tem alcance em todo o Brasil e chega a mais de 170 países, segundo a informação disponibilizada pela própria profissional. A produção está a cargo de André Amon, director e produtor da Mano Tamo Produções, que desenvolve projectos com artistas nacionais e internacionais nas áreas da música, arte e cultura. O regresso ao pequeno ecrã representa uma nova etapa no seu percurso, mantendo a comunicação como um dos principais eixos da sua actividade profissional.

Paralelamente à televisão, Luciana consolidou o trabalho como estrategista de imagem e consultora, área em que actua há mais de uma década. Foi neste percurso que identificou uma dificuldade recorrente: pessoas com conhecimento, experiência e competências relevantes nem sempre conseguiam transmitir ao mundo a dimensão real do seu potencial. Alguns profissionais apresentavam dificuldades em comunicar com segurança; outros tinham uma imagem pouco alinhada com os objectivos que pretendiam alcançar. Havia ainda quem reproduzisse modelos externos sem considerar a própria identidade.

A constatação levou-

construir uma presença que represente a sua identidade e, simultaneamente, responda às exigências dos contextos em que pretende actuar.

É dessa visão que nasce a sua mensagem profissional: «Eu lapido a sua imagem e comunicação». A palavra lapidar assume, neste contexto, um significado que ultrapassa a transformação estética. Trata-se de revelar características, competências e qualidades que nem sempre são expressas de forma clara. Em vez de criar uma personagem para corresponder às expectativas dos outros, o objectivo é ajudar cada pessoa a reconhecer aquilo que tem de próprio



Na dimensão da Aparência, são considerados aspectos como a coloração pessoal, os estilos, as proporções e as escolhas visuais que contribuem para uma imagem coerente com a identidade e os objectivos de cada cliente. No Comportamento, o trabalho centra-se no autoconhecimento, na postura, no perfil comportamental e na percepção que cada pessoa tem de si própria. A Comunicação abrange a expressão verbal e não verbal, a voz, o olhar, os gestos e a segurança necessária para interagir com diferentes públicos. Já a Imagem Digital procura alinhar esses elementos

com o posicionamento, a identidade visual e a produção de conteúdos nas plataformas digitais.

A integração dos quatro pilares constitui uma das características centrais do método. Luciana não parte de um modelo universal nem de tendências que devam ser reproduzidas por todos. Cada cliente possui uma história, características individuais e objectivos específicos, pelo que o processo exige análise e escolhas ajustadas à realidade de cada pessoa. O propósito é aproximar a identidade, a mensagem transmitida e a percepção que se pretende construir, tanto na vida pessoal como no ambiente profissional e digital.



-a a aprofundar a relação entre aparência, comportamento e comunicação. Para Luciana, não basta ensinar alguém a vestir-se adequadamente ou a falar com maior desenvoltura. É necessário compreender a história da pessoa, os seus valores, as suas características e os espaços que deseja ocupar. A partir dessa leitura, torna-se possível

e a encontrar a melhor forma de o comunicar.

Esta abordagem ganhou uma estrutura própria com o desenvolvimento do Método Alinhare®, cuja concepção começou a ser organizada em 2022 e que foi lançado em 2023. O método resultou da experiência acumulada por Luciana

em diferentes áreas profissionais e da necessidade de reunir, num único processo, dimensões que frequentemente são trabalhadas de forma isolada. A sua proposta assenta em quatro pilares complementares: Aparência, Comportamento, Comunicação e Imagem Digital.



Na sua experiência com líderes, empreendedores e profissionais de diferentes áreas, Luciana identifica situações em que o conhecimento técnico não é acompanhado pela capacidade de comunicar com clareza. Existem pessoas altamente qualificadas que sentem dificuldades

indispensável, mas precisa de ser acompanhada por uma comunicação capaz de a tornar perceptível. A imagem não substitui o conhecimento, assim como a aparência não garante resultados. Contudo, a forma de apresentação pode facilitar ou dificultar a construção de confiança

ferentes contextos sem perder a identidade. Uma executiva, um empresário, um profissional liberal ou um criador de conteúdos podem precisar de transmitir atributos distintos, mas essa necessidade não elimina a importância da autenticidade. O desafio está em conciliar as exi-

escolhas quotidianas. Da mesma forma, reconhecer a importância da comunicação não elimina automaticamente a insegurança perante uma câmara, uma audiência ou uma negociação. É necessário desenvolver hábitos, experimentar novas abordagens e acompanhar a evolução.

É neste contexto que os seus e-books e serviços de consultoria procuram responder a necessidades complementares. Os conteúdos permitem partilhar conhecimento e disponibilizar ferramentas a um público mais amplo, enquanto o acompanhamento individual possibilita aprofundar dificuldades específicas e construir estratégias ajustadas a cada realidade. Entre os resultados que procura promover estão uma maior clareza nas decisões, mais segurança nas apresentações, coerência no posicionamento profissional e capacidade para reconhecer e expressar as próprias competências. Acima de tudo, pretende que os clientes desenvolvam autonomia para sustentar as mudanças para além do período de acompanhamento.

A dimensão internacional do Método Alinhare® representa outro capítulo significativo da trajetória de Luciana. Em Maio de 2025, levou a metodologia a

Dubai, onde realizou uma palestra dirigida a empresários. Em Novembro do mesmo ano, esteve em Paris, partilhando a sua abordagem com empresários e profissionais. Estas experiências reforçaram a intenção de expandir o método para diferentes mercados, tendo em consideração que cada contexto cultural possui códigos, expectativas e formas próprias de comunicação. A sua preparação para regressar a Dubai, com uma nova palestra prevista para 21 de Outubro, integra esse esforço de continuidade e expansão internacional.

O percurso de Luciana Peixoto reúne, assim, diferentes formas de trabalhar a comunicação: da experiência comercial ao jornalismo, da televisão à consultoria, passando pelo desenvolvimento de uma metodologia própria. Em cada uma dessas áreas, a relação entre mensagem e percepção permanece central. Seja perante uma audiência televisiva, numa reunião de negócios, numa apresentação pública ou através de uma plataforma digital, a questão continua a ser como transmitir, com clareza, aquilo que se é e o valor que se pode oferecer.

Ao olhar para o futuro, a jornalista e consultora pretende ampliar o alcance do Método Alinhare® e contribuir para uma compreensão mais profunda da imagem profissional. A sua ambição não se limita a transformar aparências,

mas a ajudar pessoas a reconhecerem o próprio potencial e a desenvolverem formas mais conscientes de o comunicar. O regresso ao Programa Perfil acrescenta uma nova frente de actuação a esse percurso, enquanto a expansão internacional abre possibilidades para levar a metodologia a outros públicos e realidades.

O legado que deseja construir está ligado à capacidade de tornar esse conhecimento acessível e aplicável, ajudando profissionais e empreendedores a ocuparem os seus espaços com autenticidade, intenção e segurança. A sua perspectiva parte de uma ideia simples, mas exigente: não basta possuir competências, assim como não basta construir uma aparência admirável. É necessário que a identidade, o comportamento e a comunicação caminhem na mesma direcção.

Para Luciana Peixoto, o verdadeiro trabalho de lapidação não consiste em ensinar alguém a parecer mais importante, mas em ajudá-lo a reconhecer o seu valor e a expressá-lo de forma coerente. Quando aquilo que somos, aquilo que comunicamos e o lugar que desejamos ocupar estão alinhados, a imagem deixa de ser apenas uma impressão e passa a traduzir, com intenção e autenticidade, o valor que cada pessoa tem para oferecer.



em apresentar ideias, conduzir reuniões, negociar ou assumir posições de liderança. Noutros casos, empreendedores oferecem serviços de elevado valor, mas a sua presença e comunicação não conseguem transmitir essa qualidade de forma consistente. A consequência pode ser uma distância entre aquilo que efectivamente entregam e o valor que o mercado lhes reconhece.

A consultora considera, por isso, que a competência continua a ser

e credibilidade. O trabalho estratégico consiste em criar condições para que aquilo que a pessoa sabe e é capaz de fazer seja comunicado com maior clareza, coerência e segurança.

O autoconhecimento ocupa igualmente um lugar central nesta abordagem. Para Luciana, construir uma imagem profissional não significa seguir todas as tendências ou reproduzir o estilo de alguém admirado. Significa compreender as próprias características e saber adaptá-las aos di-

gências do ambiente com aquilo que torna cada pessoa singular.

A aplicação prática dos conhecimentos constitui outro aspecto importante do seu trabalho. A consultora reconhece que compreender um conceito não significa, necessariamente, conseguir aplicá-lo de forma consistente. Saber quais as cores mais adequadas, por exemplo, exige capacidade de transformar essa informação em



PAULO CORREIA VÍCTOR:

Liderança, estratégia e o futuro do mercado de capitais em Angola

O desenvolvimento de um mercado de capitais sólido exige mais do que instituições financeiras, instrumentos de investimento e enquadramentos regulatórios. Exige visão estratégica, confiança, capacidade de adaptação e líderes capazes de transformar desafios em oportunidades de crescimento. É neste contexto

que se enquadra o percurso de Paulo Correia Víctor, profissional angolano cuja experiência atravessa o sector público, o empreendedorismo, a gestão empresarial e o mercado de capitais. Ao longo da sua carreira, tem acompanhado transformações importantes no sistema financeiro angolano, procurando contribuir para o fortalecimento das instituições, a criação de parcerias estratégicas e a diversificação das oportunidades de financiamento da economia.

Antes dos cargos e das responsabilidades profissionais, Paulo Correia Víctor define-se como filho, irmão, marido e pai, colocando os princípios, a humildade e o respeito pelas pessoas entre os valores que orientam a sua vida. Natural da Ilha de Luanda, iniciou os estudos em Angola e prosseguiu a formação em Cuba, onde concluiu, em 1991, a licenciatura em Agronomia Geral. Embora a sua formação inicial estivesse ligada ao sector agrícola, o percurso que viria a construir conduziu-o por diferentes áreas de actividade, permitindo-lhe desenvolver uma visão abrangente sobre os negócios, a gestão e as relações humanas.

De regresso a Angola, iniciou a actividade profissional no Gabinete de Segurança Alimentar, uma estrutura interministerial ligada aos sectores do Comércio e da Agricultura. Mais tarde, transitou para o sector privado, onde acumulou experiências no comércio geral, na gestão de empreendimentos e na prestação de serviços. Estas passagens por diferentes realidades profissionais contribuíram para alargar a sua compreensão sobre o funcionamento das organizações, a importância da gestão de recursos e a necessidade



de adaptar as decisões às circunstâncias de cada contexto.

Ao longo dos anos, procurou complementar a experiência prática com formação contínua, participando em programas certificados nas áreas de administração e gestão de empresas, liderança, governança corporativa e mercado de capitais. Para Paulo, a experiência constitui uma fonte importante de aprendizagem, mas a evolução profissional depende da disposição para continuar a aprender. Esta combinação entre conhecimento, contacto com diferentes sectores e abertura a novas perspectivas tornou-se

uma das bases da sua forma de compreender a liderança e de enfrentar os desafios empresariais.

A sua entrada e consolidação no mercado de capitais permitiram-lhe acompanhar uma fase de transformação do sistema financeiro angolano. Durante mais de uma década, assistiu à evolução de um mercado ainda pouco desenvolvido para um ecossistema progressivamente mais estruturado, com novas instituições, regras e oportunidades. Entre as mudanças que considera relevantes está o aprofundamento das relações entre os bancos e os intermediários financeiros independentes, nomeadamente através dos acordos necessários à

liquidação financeira das operações.

Outro momento importante ocorreu entre o final de 2023 e o início de 2024, com alterações regulatórias que impulsionaram a transferência de serviços e actividades de investimento em valores mobiliários das instituições financeiras bancárias para instituições financeiras não bancárias, incluindo sociedades corretoras e sociedades distribuidoras de valores mobiliários. Na perspectiva de Paulo, estas mudanças contribuíram para alterar a dinâmica competitiva do sector e abrir novas possibilidades para o desenvolvimento de instituições especializadas.



lho e oportunidades de melhoria. É necessário preparar melhor as empresas para responder às exigências do mercado, ao mesmo tempo que se criam condições para diversificar os investimentos e ampliar as fontes de financiamento disponíveis para a economia.

Esta perspectiva está ligada à sua compreensão das relações institucionais, que considera essenciais para o desenvolvimento de negócios sustentáveis. Para Paulo, estabelecer uma relação institucional não significa apenas negociar um acordo ou alcançar um resultado imediato. Implica construir confiança, identificar interesses comuns e transformar o diálogo em compromissos concretos, capazes de gerar valor para as partes envolvidas.

A continuidade é, neste processo, um elemento determinante. Uma parceria sólida não deve depender exclusivamente das pessoas que a iniciaram, mas assentar em compromissos institucionais, acordos claros, canais de comunicação e mecanismos de acompanhamento. Desta forma, torna-se possível preservar relações de cooperação mesmo quando ocorrem mudan-

Acompanhar esta evolução exigiu capacidade de adaptação e compreensão das implicações estratégicas das mudanças. Num mercado em transformação, considera que não basta conhecer as novas regras ou reagir às alterações regulatórias. É necessário antecipar as suas consequências, preparar as organizações e identificar oportunidades que permitam reforçar a competitividade. Esta visão revela uma compreensão da liderança como um exercício permanente de análise, planeamento e ajustamento às circunstâncias.

Apesar dos avanços registados, Paulo Correia Víctor entende que o mercado de capitais angolano ainda enfrenta desafios importantes, sobretudo no que diz respeito à literacia e à inclusão financeira. Muitas pessoas e empresas continuam a associar o investimento essencialmente à banca tradicional ou a grandes organizações, desconhecendo as alternativas que o mercado de capitais pode oferecer. Para ultrapassar esta realidade, defende uma comunicação mais acessível sobre o funcionamento dos instrumentos financeiros, os riscos

envolvidos e as possibilidades de investimento disponíveis.

Na sua perspectiva, aproximar o mercado das universidades, das empresas, dos empreendedores e das famílias é essencial para ampliar o conhecimento e estimular decisões financeiras mais informadas. A educação financeira pode ajudar as pessoas a compreender melhor a poupança, o investimento e o planeamento do futuro, enquanto permite às empresas conhecer alternativas para financiar o crescimento. O objectivo, sublinha, deve ser construir um mercado compreendido por um número crescente de angolanos,

sem desvalorizar os riscos que acompanham qualquer decisão de investimento.

A questão do financiamento empresarial constitui outro dos pontos centrais da sua reflexão. Embora o mercado de capitais possa representar uma alternativa ao crédito bancário, muitas empresas ainda não reúnem as condições necessárias para aceder a estes mecanismos. A preparação exige informação financeira fiável, demonstrações financeiras devidamente organizadas, auditorias adequadas e estruturas de governança capazes de transmitir confiança aos investidores. Em organiza-



ções de menor dimensão, a

concentração das decisões nos proprietários e a ausência de processos formais de gestão podem dificultar essa preparação.

ças nas lideranças ou nas prioridades das organizações. Na sua visão, a confiança conquista-se através da coerência, da disponibilidade e do cumprimento da palavra.

A mesma lógica orienta a forma como procura equilibrar a pressão por resultados com a preservação da credibilidade institucional. Paulo não considera estes objectivos incompatíveis. Pelo contrário, entende que uma instituição deve apresentar resultados e criar valor sem comprometer os princípios que sustentam a sua reputação. «Não vale a pena conquistar um negócio hoje se, para isso, colocarmos em risco a confiança construída ao longo de anos», é a ideia que resume a sua abordagem à gestão das relações profissionais.

Do lado do próprio mercado, persistem desafios relacionados com a liquidez, os custos de intermediação, a concentração dos investimentos em dívida pública e a necessidade de aprofundar a literacia financeira. Paulo considera, contudo, que estas dificuldades devem ser encaradas como áreas de traba-





Esta posição reflecte uma visão de liderança em que o desempenho não pode ser separado da responsabilidade. Os resultados financeiros e comerciais são importantes, mas a forma como são alcançados influencia a sustentabilidade dos negócios e a capacidade de uma instituição manter relações duradouras. Em períodos de maior pressão, a clareza dos objectivos, a avaliação das consequências e o respeito pelos compromissos assumidos tornam-se particularmente relevantes. Para Paulo, os resultados podem abrir portas, mas é a confiança que permite mantê-las abertas.

A experiência acumulada no sector também lhe permite identificar as competências que considera fundamentais para os profissionais do mercado de capitais. O domínio dos instrumentos financeiros, da regulação e da gestão do risco constitui uma base indispensável, mas deve ser acompanhado pela capacidade de análise, pelo pensamento estratégico e pela abertura à inovação. A evolução tecnológica está a transformar o funcionamento dos mercados, exigindo profissionais capazes de interpretar informação, avaliar cenários e tomar decisões fundamentadas em ambientes de incerteza.

A comunicação, a negociação e a construção de relações de confiança assumem igualmente uma importância significativa. Muitas oportunidades surgem do encontro entre pessoas, instituições e ideias que, inicialmente, parecem distantes. Saber estabelecer pontes, compreender interesses diferentes e encontrar pontos de convergência pode ser tão importante como o conhecimento técnico. A aprendizagem contínua permanece,

contudo, uma condição essencial para acompanhar as mudanças do sector e manter a capacidade de identificar novas oportunidades.

No plano económico, Paulo atribui ao mercado de capitais um papel importante na diversificação das fontes de financiamento e na criação de condições para o crescimento empresarial. Ao aproximar quem dispõe de poupanças de quem precisa de recursos para investir, produzir e expandir a actividade, este mercado pode contribuir para mobilizar capital destinado a projectos produtivos. Em Angola, considera esta possibilidade particularmente relevante, tendo em conta a necessidade de diversificar a economia, fortalecer o sector privado e ampliar as oportunidades de desenvolvimento.

Os benefícios potenciais ultrapassam as empresas que conseguem financiamento. Uma organização que expande a produção pode criar postos de trabalho, desenvolver relações com fornecedores, estimular a procura de serviços e dinamizar outras actividades económicas. Numa perspectiva africana, o aprofundamento dos mercados de capitais pode ainda contribuir para mobilizar recursos locais e atrair investimento para projectos com capacidade de gerar valor. Para que esse potencial se concretize, porém, é necessário construir mercados credíveis, empresas preparadas, investidores informados e instituições que inspirem confiança.

Entre os momentos mais exigentes da sua carreira, Paulo destaca dois episódios que considera determinantes para o seu crescimento profissional. O primeiro ocorreu entre 2017 e 2019, quando enfrentou o desafio de

encontrar um investidor financeiro que pudesse integrar a estrutura accionista da MADZ Global, no contexto das exigências regulatórias aplicáveis. O processo exigiu persistência, capacidade de negociação e uma visão clara sobre a continuidade e o futuro da instituição.

O segundo momento começou no final de 2023 e no início de 2024, quando assumiu novas responsabilidades no Conselho de Administração. A instituição atravessava dificuldades financeiras, fiscais, comerciais e operacionais significativas, depois de três anos consecutivos de resultados negativos. Perante este cenário, foi necessário rever prioridades, reforçar a disciplina de gestão, procurar novas oportunidades de negócio e mobilizar esforços para recuperar a rentabilidade.

Segundo o seu relato, o trabalho desenvolvido permitiu inverter a trajectória negativa e devolver à MADZ Global resultados positivos, apesar de um contexto de mercado exigente. A experiência reforçou a sua convicção de que os períodos de maior dificuldade revelam a verdadeira dimensão da liderança. É nesses momentos que se torna necessário manter a lucidez, mobilizar as equipas, avaliar alternativas e tomar decisões responsáveis, mesmo quando os recursos são limitados e os resultados não estão garantidos.

A aprendizagem que retira destes episódios é também uma mensagem para quem pretende construir uma carreira sólida no sector financeiro: investir no conhecimento, preservar os princípios e aprender com as dificuldades. Um momento adverso não deve ser confundido com o fim de um percurso. A consistência profissional

constrói-se ao longo do tempo, através de decisões sucessivas, capacidade de adaptação e compromisso com os objectivos definidos.

Actualmente, a passagem para a função de Assessor do Conselho de Administração da MADZ Global para Relações Institucionais representa uma nova etapa na sua carreira. Depois de vários anos directamente ligado à gestão e ao desenvolvimento do negócio, pretende colocar a experiência acumulada ao serviço do fortalecimento das relações institucionais, da construção de parcerias estratégicas e da identificação de novas oportunidades em Angola e no exterior.

Nesta função, identifica espaço para aproximar empresas, investidores, reguladores, universidades e parceiros internacionais, promovendo o diálogo e a cooperação. Acredita que a evolução do mercado de capitais depende não apenas das instituições e dos instrumentos disponíveis, mas também da qualidade das relações estabelecidas entre os diferentes intervenientes. Quanto mais fortes forem estas ligações, maiores poderão ser as possibilidades de desenvolver iniciativas conjuntas, ampliar o conhecimento e criar condições para novos investimentos.

A educação e a inclusão financeira continuam a ocupar um lugar importante na visão que tem para o sector. Um mercado só pode crescer de forma sustentável quando as pessoas compreendem o seu funcionamento, reconhecem as oportunidades existentes e dispõem de informação suficiente para avaliar os riscos. Por isso, considera necessário continuar a promover uma cultura de investimento responsável, ao mesmo tempo que se desenvolvem

mecanismos capazes de aproximar o mercado das necessidades das empresas e da sociedade.

Ao olhar para o futuro, Paulo Correia Vítor pretende contribuir para um mercado de capitais angolano mais conhecido, acessível, diversificado e relevante para o financiamento da economia. A sua ambição não se limita ao crescimento de uma instituição ou ao cumprimento de objectivos profissionais. Procura participar na construção de relações que facilitem a cooperação, promovam novas oportunidades e reforcem a confiança no sistema financeiro.

O seu percurso, iniciado numa área de formação diferente daquela em que viria a consolidar a carreira, demonstra a importância da aprendizagem contínua e da capacidade de transitar entre realidades distintas. Da Agronomia à gestão empresarial e ao mercado de capitais, foi acumulando experiências que hoje sustentam uma visão em que o conhecimento técnico, a credibilidade e as relações humanas se complementam.

Para Paulo Correia Vítor, liderar significa produzir resultados sem comprometer a confiança, construir parcerias que resistam ao tempo e transformar a experiência em oportunidades para os outros. Num mercado de capitais que continua a procurar maior profundidade e participação, o legado que ambiciona deixar é o de ter contribuído não apenas para o desenvolvimento de uma instituição, mas também para a construção de um ecossistema financeiro mais sólido, inclusivo e preparado para apoiar o crescimento de Angola.



Feijão do Amor



*Água de
Coco Natural
Com Amor*

Nacional, Puro,
Fresco e Saudável

PAULO OLIVEIRA:

Como construir negócios que resistem ao tempo

Num mundo empresarial marcado pela concorrência, pela transformação tecnológica e pela necessidade constante de adaptação, construir uma empresa é um desafio

que exige visão, mas mantê-la relevante ao longo de décadas requer muito mais: confiança, capacidade de inovação, liderança consistente e valores capazes de resistir às mudanças do mercado. A longevidade empresarial não acontece por acaso. É o resultado de decisões, relações e estratégias que precisam de ser renovadas ao longo do

tempo. Esta é uma das perspectivas defendidas por Paulo Sérgio da Silva Oliveira, profissional português de 52 anos, natural de Seia, também moçambicano, cuja visão sobre liderança, gestão e desenvolvimento se cruza com a história de oito décadas do Grupo Salvador Caetano e com a sua ligação ao país que o deu a 2ª nacionalidade.

Num ano em que o Grupo Salvador Caetano assinala 80 anos de história e presença internacional, a reflexão sobre o futuro ganha particular relevância. Para Paulo Oliveira, celebrar este percurso representa motivo de orgulho, mas também uma responsabilidade perante todos aqueles que contribuíram para a construção da organização. Mais do que recordar conquistas, considera fundamental compreender os princípios que permitiram alcançar essa longevidade e garantir que continuam a orientar as decisões do presente.

Na sua perspectiva, a seriedade, a confiança, o respeito pelas pessoas, a capacidade de trabalho e a coragem de assumir riscos constituem elementos essenciais da identidade empresarial. Contudo, entende que uma história de sucesso não deve servir de garantia automática para o futuro. Pelo contrário, exige uma renovação permanente do compromisso com clientes, parceiros e colaboradores. «Não podemos viver apenas do sucesso do passado. Temos de merecer, todos os dias, a confiança que conquistámos ao longo

destes 80 anos», afirma, sublinhando a importância de continuar a evoluir sem perder os valores que sustentam a organização.

Esta visão reflecte uma das grandes questões da gestão contemporânea: como preservar a identidade de uma empresa enquanto se transforma para responder às novas exigências do mercado? Para Paulo Oliveira, a resposta passa pela capacidade de distinguir aquilo que deve permanecer daquilo que precisa de mudar. Os valores podem continuar sólidos, mas os processos, as ferramentas e os modelos de negócio têm de acompanhar a evolução económica, tecnológica e social.

Ao longo de oito décadas, o Grupo Salvador Caetano desenvolveu uma presença internacional e diversificou as suas actividades, num percurso que exige capacidade de adaptação a diferentes ciclos económicos e realidades de mercado. Para um grupo com esta dimensão, a continuidade depende não apenas dos resultados alcançados, mas também da capacidade de identificar oportunidades, antecipar mudanças e desenvolver competências que permitam enfrentar novos desafios.



Num sector automóvel em profunda transformação, esta capacidade torna-se ainda mais importante. A electrificação, a conectividade, a digitalização e os novos conceitos de mobilidade estão a alterar a relação entre os consumidores, os veículos e os serviços associados. Paulo Oliveira considera que esta mudança representa simultaneamente um desafio e uma oportunidade, exigindo investimento em conhecimento, desenvolvimento de competências e colaboração com parceiros capazes de contribuir para soluções inovadoras.

Ainda assim, a inovação não deve ser confundida com a adopção indiscriminada de novas tecnologias. Na sua perspectiva, uma mudança só faz sentido quando produz valor concreto, melhora a experiência dos clientes e torna os negócios mais eficientes e preparados para o futuro. A tecnologia deve estar ao serviço das pessoas e das organizações, e não tornar-se um objectivo isolado. Esta abordagem procura evitar que as empresas invistam em soluções apenas porque estão na moda, sem avaliar a sua utilidade efectiva.

A mesma lógica aplica-se à relação com os clientes. Num mercado em que as pessoas têm acesso a mais informação e dispõem de diferentes alternativas, conquistar a confiança tornou-se um dos maiores desafios das organizações. Para Paulo Oliveira, a confiança não se compra nem se constrói de um dia para o outro. Exige consistência, transparência e a capacidade de cumprir os compromissos assumidos.



«Podemos ter o melhor produto, a melhor estratégia e os melhores recursos, mas, se não tivermos a confiança das pessoas, dificilmente construiremos algo verdadeiramente duradouro», defende. A sua perspectiva coloca as relações humanas no centro da sustentabilidade empresarial. Os resultados financeiros são fundamentais, mas a sua continuidade depende também da reputação que uma organização constrói e da forma como se relaciona com clientes, parceiros e colaboradores.

Esta compreensão dos negócios ganha outra dimensão quando aplicada à gestão internacional. O Grupo Salvador Caetano está presente em três continentes, o que implica lidar com diferentes culturas, condições económicas, necessidades de

consumo e níveis de desenvolvimento dos mercados. Para Paulo Oliveira, a internacionalização não consiste simplesmente em expandir operações para vários países. O verdadeiro desafio está em criar valor em cada mercado, respeitando as suas particularidades e preservando uma identidade empresarial comum.

A sua experiência em África, particularmente em Moçambique, reforçou a importância de compreender as realidades locais antes de tomar decisões. Segundo o gestor, aquilo que funciona num mercado pode não produzir os mesmos resultados noutro, razão pela qual considera indispensável ouvir as pessoas, conhecer as necessidades do terreno e valorizar a experiência das equipas locais.

É também neste contexto que se inscreve a ligação de Paulo Oliveira a Moçambique, um país pelo qual manifesta um carinho especial e cujo potencial considera merecedor de maior reconhecimento internacional. Para além da dimensão empresarial, a sua relação com o país estende-se à promoção do turismo, uma área em que acredita existirem oportunidades relevantes para valorizar os recursos naturais, culturais e humanos moçambicanos.

A sua participação numa nova edição do Rally Dakar, uma das competições de resistência mais exigentes e emblemáticas do desporto motorizado mundial, assume, por isso, um significado que ultrapassa a vertente desportiva. Enquanto Embaixador do Turismo, Paulo Oliveira pretende aproveitar a visibilidade internacional associada à competição para contribuir para a promoção de Moçambique e despertar o interesse de novos públicos pelo país.



Para o próprio, o Dakar representa um desafio que exige preparação, resistência, capacidade de superação e determinação. São valores com os quais se identifica e que reconhece igualmente na vida empresarial. Contudo, a participação ganha uma dimensão adicional quando associada à possibilidade de dar maior visibilidade a um destino que considera possuir condições extraordinárias para atrair visitantes e gerar oportunidades económicas.

competição internacional, por si só, não transforma o sector turístico. Para produzir resultados duradouros, a visibilidade precisa de ser acompanhada por uma estratégia mais ampla de valorização do destino, capaz de transformar o interesse despertado em visitas, investimento e novas oportunidades para as comunidades.

Esta perspectiva aproxima



Moçambique reúne praias, paisagens naturais, biodiversidade, gastronomia própria e uma riqueza cultural que, na sua perspectiva, merece ser mais conhecida além-fronteiras. A hospitalidade do povo moçambicano constitui, igualmente, um dos elementos que considera distintivos do país. Através do Dakar, pretende contribuir para que essa diversidade chegue a uma audiência internacional e desperte a curiosidade de pessoas que talvez ainda não tenham considerado Moçambique como destino turístico.

A exposição mediática da competição poderá, assim, funcionar como uma plataforma de promoção, associando a participação desportiva à divulgação das potencialidades do país. Paulo Oliveira reconhece, porém, que uma presença numa

a promoção turística da própria lógica de desenvolvimento empresarial que defende: identificar recursos, comunicar o seu valor e criar condições para que esse valor se traduza em resultados concretos. Tal como acontece na gestão de uma empresa, não basta possuir potencial. É necessário torná-lo visível, construir confiança e desenvolver condições para que as oportunidades se concretizem.

A sua ligação a Moçambique encontra, deste modo, um ponto de encontro entre mobilidade, turismo e desenvolvimento económico. A participação no Dakar representa um desafio pessoal e desportivo, mas também uma oportunidade para associar a experiência internacional à pro-



moção de um país que considera ter muito para oferecer. O objectivo não se limita à classificação final da prova: passa igualmente pela possibilidade de contribuir para que mais pessoas conheçam Moçambique e reconheçam o seu potencial.

A visão de Paulo Oliveira sobre a internacionalização estende-se, naturalmente, ao sector automóvel. A transição para formas de mobilidade mais sustentáveis exige uma compreensão das condições específicas de cada mercado. Embora a electrificação e a digitalização estejam a transformar o sector, os países não evoluem todos à mesma velocidade. Em diferentes geografias africanas, a adopção de veículos eléctricos depende de factores

como as infra-estruturas disponíveis, o acesso à energia e o poder de compra dos consumidores.

Por isso, defende uma abordagem pragmática, que combine a visão de futuro com a compreensão das condições presentes. A mobilidade será, na sua perspectiva, cada vez mais tecnológica e sustentável, mas o desafio consiste em garantir que as novas soluções também sejam acessíveis e adequadas às necessidades das populações. A capacidade de inovar deverá, assim, caminhar lado a lado com a inclusão e a adaptação às diferentes realidades económicas e sociais.

Para além da tecnologia e da estratégia, a construção de negócios duradouros depende da qualidade das pessoas que os desenvolvem. Paulo Oliveira considera que ninguém constrói algo verdadeiramente importante sozinho e que os melhores resultados surgem quando as organizações conseguem reunir profissionais competentes, proporcionar-lhes condições para crescer e criar um sentimento de pertença.

A sua filosofia de liderança

assenta no exemplo, na coerência e na capacidade de ouvir. Não acredita numa gestão baseada exclusivamente na autoridade ou na hierarquia, mas numa relação profissional em que a confiança e a responsabilidade são partilhadas. Valoriza pessoas com iniciativa, espírito crítico e vontade de aprender, considerando importante que os colaboradores tenham liberdade para questionar decisões e apresentar perspectivas diferentes.

outra dimensão desta responsabilidade. Para Paulo Oliveira, nenhuma empresa pode tratar esta questão como secundária, sobretudo num sector cuja actividade tem influência directa na mobilidade, no ambiente e na qualidade de vida das populações. A eficiência dos recursos, a transição energética e a procura de soluções de mobilidade mais sustentáveis fazem parte dos desafios que exigem uma resposta empresarial consistente.



Esta visão não exclui a necessidade de tomar decisões difíceis. Pelo contrário, Paulo Oliveira reconhece que liderar implica assumir responsabilidades, enfrentar divergências e, por vezes, comunicar decisões que não agradam a todos. O essencial, defende, é agir com transparência e respeito. Também considera fundamental que um líder reconheça os próprios erros, uma vez que a capacidade de aprender e corrigir o rumo contribui para o crescimento individual e colectivo.

A preocupação com as pessoas estende-se à forma como compreende o legado empresarial. Embora considere importante contribuir para o crescimento e a solidez dos negócios, Paulo Oliveira não encara o legado como uma conquista individual. O seu objectivo é participar na construção de organizações mais fortes, desenvolver pessoas e criar oportunidades para que as equipas possam levar os projectos ainda mais longe.

«O melhor legado que podemos deixar não é aquilo que construímos para nós, mas aquilo que ajudamos os outros a construir», afirma. A ideia traduz uma visão de liderança que ultrapassa os resultados imediatos e valoriza a capacidade de preparar as organizações para continuarem a crescer para além dos ciclos individuais de gestão. Os cargos são temporários, mas as empresas permanecem, assim como o impacto das decisões tomadas e das oportunidades proporcionadas.

A sustentabilidade constitui

Contudo, a sustentabilidade não se limita à dimensão ambiental. Inclui igualmente a criação de emprego, a formação de pessoas, a promoção de oportunidades e a contribuição para o desenvolvimento das comunidades. Em África, esta relação entre actividade empresarial e progresso económico e social assume particular importância. Na sua perspectiva, o sucesso de uma organização deve ser avaliado não apenas pelos resultados financeiros, mas também pelo valor que consegue gerar para a sociedade.

A experiência acumulada ao longo do percurso profissional também influencia os conselhos que deixa aos jovens líderes e empreendedores. Para quem pretende construir projectos com impacto e longevidade, Paulo Oliveira destaca três princípios: persistência, humildade e integridade. A persistência permite enfrentar os obstáculos sem abandonar prematuramente os objectivos; a humildade mantém aberta a capacidade de aprender; e a integridade protege a reputação, um dos activos mais importantes de qualquer profissional ou empresa.

O gestor considera que existe uma tendência para valorizar o sucesso sem dar a mesma atenção ao percurso necessário para o alcançar. No entanto, os grandes projectos exigem trabalho, preparação, sacrifícios e capacidade para lidar com períodos em que



os resultados ainda não são visíveis. Também aconselha os jovens a procurarem pessoas com competências diferentes e a não recearem trabalhar com profissionais que saibam mais do que eles em determinadas áreas. O crescimento, na sua perspectiva, depende igualmente da capaci-

dade de reconhecer aquilo que ainda precisa de ser aprendido.

Para além da actividade empresarial, Paulo Oliveira encontra no desporto motorizado, particularmente nas provas de resistência como o Dakar, importantes lições sobre preparação, disciplina e to-

mada de decisões sob pressão. A experiência destes desafios permite-lhe estabelecer paralelos com a gestão: mesmo quando existe preparação, nem tudo acontece conforme o previsto. Perante o imprevisto, é necessário manter a serenidade, avaliar alternativas e continuar a procurar soluções.





Esta ligação ao desporto revela uma dimensão pessoal marcada pelo gosto pelos desafios, pela curiosidade e pela vontade de superar limites. No Dakar, tal como nos negócios, a preparação é indispensável, mas não elimina a possibilidade de surgirem obstáculos inesperados. A capacidade de adaptação, a confiança na equipa e a determinação para continuar tornam-se, por isso, tão importantes como o planeamento inicial.

Ao assumir também o propósito de promover Moçambique através desta participação, Paulo Oliveira acrescenta à dimensão competitiva uma intenção de impacto. Gostaria que a sua presença contribuisse para inspirar os mais jovens, mostrando-lhes



que a disciplina, o trabalho e a perseverança podem abrir portas a desafios internacionais. Ao mesmo tempo, espera que a visibilidade da prova ajude a despertar o interesse pelo país, levando mais pessoas a conhecer as suas paisagens, cultura e potencial turístico.

Aos 52 anos, o seu percurso permite-lhe olhar para

a vida profissional para além dos cargos e dos resultados imediatos. A experiência ensinou-lhe que o sucesso empresarial tem importância, mas não esgota aquilo que dá sentido a uma trajectória. As relações construídas, os valores preservados, as oportunidades criadas e a forma como alguém contribui para o desenvolvimento de outras pessoas possuem um

significado que ultrapassa os resultados de curto prazo.

Num momento em que o Grupo Salvador Caetano celebra 80 anos de história, a visão de Paulo Oliveira convida empresários e empreendedores a reflectirem sobre o verdadeiro significado da longevidade empresarial. Crescer é importante, mas crescer com consistência

exige mais do que ambição. Implica construir relações de confiança, investir nas pessoas, adaptar-se às mudanças e manter uma identidade capaz de orientar as decisões mesmo nos períodos de maior incerteza.

A sua trajectória reúne, assim, duas dimensões complementares: a construção de



negócios preparados para o futuro e a valorização de oportunidades que podem gerar impacto para além das organizações. Na gestão empresarial, isso significa preservar a confiança, inovar com propósito e desenvolver equipas capazes de continuar a crescer. Na promoção de Moçambique, significa aproveitar a visibilidade internacional para despertar interesse, valorizar os recursos do país e incentivar novas oportunidades de turismo e desenvolvimento.

Construir negócios que resistem ao tempo significa compreender que o verdadeiro sucesso não está apenas em crescer, mas em criar valor de forma consistente, desenvolver pessoas e deixar uma organização mais forte e preparada para as gerações seguintes. E, quando a experiência e a visibilidade internacional também podem ser colocadas ao serviço de um país, o legado ganha uma dimensão ainda maior: a de transformar oportunidades individuais em possibilidades de crescimento colectivo.



SOLUÇÕES EM COMUNICAÇÃO E DESIGN



Criatividade, Estratégia e Palavra
para comunicar o que importa.



DESIGN WEB

Sites modernos, responsivos e estratégicos
que destacam a sua empresa e geram resultados.

- ✓ Sites Institucionais
- ✓ Landing Pages
- ✓ Lojas Online
- ✓ Manutenção e Atualização



DESIGN GRÁFICO EDITORIAL

Projetos gráficos que comunicam com clareza,
elegância e propósito.

- ✓ Revistas e Catálogos
- ✓ Livros e E-books
- ✓ Relatórios e Brochuras
- ✓ Identidade Visual



CONSULTORIA EM COMUNICAÇÃO

Estratégias personalizadas para fortalecer
a imagem, reputação e posicionamento da sua marca.

- ✓ Planeamento de Comunicação
- ✓ Comunicação Interna
- ✓ Gestão de Imagem e Reputação
- ✓ Assessoria de Comunicação

SERVIÇOS DE CONTEÚDO E REVISÃO



REVISÃO LINGÜÍSTICA EDITORIAL

Textos mais claros, corretos
e profissionais.



COPYWRITER PUBLICITÁRIO

Palavras que persuadem,
conectam e vendem.



REVISÃO LINGÜÍSTICA LITERÁRIA

Para Livros, Documentos
Institucionais e muito mais.



REVISÃO LINGÜÍSTICA LITERÁRIA

Para Livros, Documentos
Institucionais e muito mais.

Da ideia à mensagem, nós cuidamos de tudo.



CONTACTE A
SOCIEDADE **GENERUS LDA**



+258 87 040 3759
+258 84 734 2668

♥ Profissionalismo. Criatividade. Compromisso com a excelência.

RITA ASSEICEIRO:

A paixão pela língua portuguesa que transforma a forma de comunicar

Aos 27 anos, Rita Asseiceiro tem vindo a construir um percurso profissional marcado pela dedicação à Língua Portuguesa, pelo rigor da escrita e pela vontade de tornar o conhecimento acessível a todos. Natural de Lisboa, Portugal, é formadora certificada, revisora de texto, autora da página digital *Meia Dúzia de Erros* e do livro *365 Dicas para Não Dar Erros*. Através do seu trabalho, procura demonstrar que aprender português não se resume a memorizar regras gramaticais, mas implica desenvolver curiosidade, compreender as particularidades da língua e reconhecer o seu papel na forma como pensamos, comunicamos e nos relacionamos.

Curiosa, dedicada e persistente, Rita identifica-se como alguém que gosta de aprender, experimentar coisas novas e abraçar projectos desafiantes. A atenção aos detalhes é uma característica que a acompanha no quotidiano, levando-a a reparar em aspectos que, para muitas pessoas, passam despercebidos. A escrita ocupa um lugar tão natural na sua vida que até os momentos de lazer acabam por se cruzar com a sua paixão profissional. Gosta de viajar, conhecer Portugal e fotografar os lugares por onde passa, mas continua atenta às palavras que encontra pelo caminho, seja num livro, numa placa ou numa ementa. A

Língua Portuguesa, para si, não é apenas uma ferramenta de trabalho: é também uma forma de observar e interpretar o mundo.

Embora o interesse pela escrita a acompanhe desde cedo, foi durante a formação académica que descobriu na revisão de texto uma possibilidade concreta de construir uma carreira. Antes de transformar essa aptidão numa actividade profissional, já era habitual rever os trabalhos de grupo e os textos dos colegas, procurando gralhas, corrigindo pontuações e identificando passagens que poderiam ser mais claras. O que inicialmente parecia uma característica pessoal



acabou por revelar uma vocação. As aulas de Língua e Expressão do Português contribuíram para consolidar o seu interesse pelo funcionamento da língua e para a levar a aprofundar conhecimentos que, mais tarde, se tornariam a base da sua actividade profissional.

Em 2020, decidiu ampliar o alcance desse conhecimento e criar uma comunidade digital dedicada à aprendizagem do português. Nasceu, assim, a página de Instagram *Meia Dúzia de Erros*, um projecto que procura aproximar a língua das pessoas através de conteúdos simples, práticos e descontraídos. A iniciativa surgiu da vontade de partilhar aquilo que aprendera, mas também de mostrar que o aperfeiçoamento linguístico pode ser uma experiência interessante, sem precisar de estar associado a uma abordagem excessivamente formal ou distante do quotidiano.

A mensagem que acompanha o projecto, «Aprende o que não te ensinam na escola», sintetiza uma das suas principais convicções: a aprendizagem da língua não termina com a conclusão dos estudos. Para Rita, não está em causa diminuir a importância do ensino tradicional ou desvalorizar a gramática, cuja função considera fundamental. O desafio reside, sobretudo, na forma

como os conteúdos são transmitidos e na capacidade de despertar o interesse dos alunos. Na sua perspectiva, a aprendizagem torna-se mais eficaz quando os estudantes deixam de ser apenas receptores de informação e passam a participar activamente, experimentando, questionando e aplicando os conhecimentos a situações concretas.

A especialista considera que dominar a Língua Portuguesa exige mais do que conhecer regras gramaticais. É necessário saber aplicá-las, desenvolver o vocabulário, compreender as subtilidades das expressões e reconhecer que as escolhas linguísticas podem alterar significativamente o sentido de uma mensagem. A comunicação eficaz depende, por isso, da capacidade de adaptar a linguagem ao contexto, organizar ideias e transmitir informação com clareza. Ao defender uma aprendizagem mais prática, Rita procura aproximar o conhecimento linguístico das necessidades reais de quem escreve, estuda, trabalha ou simplesmente deseja expressar-se melhor.

Essa preocupação torna-se particularmente evidente quando aborda os erros mais frequentes no uso do português. Entre os exemplos que destaca está «há anos atrás», uma construção redundante, uma vez que a forma verbal «há» já indica uma referência temporal passada. A confusão entre «adesão» e «aderência» é outro exemplo que demonstra como palavras semelhantes podem ter significados e aplicações diferentes. Acrescenta ainda o emprego incorrecto do verbo «evacuar», lembrando que, em sentido próprio, são os espaços ou as localidades que são evacuados, e não as pessoas.



Para Rita, a persistência destes erros não está necessariamente relacionada com a falta de formação académica ou de inteligência. Muitas expressões incorrectas são transmitidas oralmente, repetidas no ambiente familiar, escolar e profissional e acabam por ser aceites como certas devido à frequência com que são utilizadas. Quando uma construção se torna habitual, poucas pessoas sentem necessidade de a questionar. É precisamente nesse ponto que considera importante estimular uma atitude de curiosidade e pesquisa, capaz de levar cada pessoa a confirmar aquilo que diz e escreve, em vez de assumir que uma expressão está correcta apenas porque sempre a ouviu.

A sua actividade como revisora de texto exige, por outro lado, uma responsabilidade que ultrapassa a identificação de erros ortográficos ou gramaticais. Ao trabalhar com livros, teses e outros documentos, Rita procura encontrar o equilíbrio entre o rigor linguístico e o respeito pela identidade de quem escreve. Para ela, rever não significa substituir a voz do autor pela sua própria forma de escrever, nem transformar todos os textos num único modelo de linguagem. Trata-se de compreender a intenção de quem escreve, identificar os aspectos que precisam de ser corrigidos e melhorar a clareza sem comprometer o sentido original.

«O objectivo não é reescrever o texto de acordo com a minha visão», explica, ao descrever a relação de colaboração que estabelece com os autores. O princípio orientador é preservar o estilo individual e intervir apenas na medida necessária para tornar a mensagem mais

clara, coerente e rigorosa. Esta abordagem exige sensibilidade, atenção e capacidade de análise, sobretudo quando uma alteração aparentemente pequena pode modificar o significado de uma frase ou introduzir uma ambiguidade que não existia no texto original.

Nos trabalhos académicos e nas obras literárias, os desafios podem assumir diferentes formas. Frases demasiado longas, excesso de informação numa única construção, problemas de pontuação e ideias mal articuladas estão entre as dificuldades que exigem maior atenção. O trabalho do revisor passa por identificar esses obstáculos e encontrar soluções que facilitem a leitura, sem retirar profundidade ao conteúdo ou descaracterizar a escrita. A revisão torna-se, assim, um processo de aperfeiçoamento em que o rigor não deve funcionar como um obstáculo à expressão, mas como um instrumento ao serviço da compreensão.

A experiência desenvolvida através do Meia Dúzia de Erros abriu caminho a um novo capítulo da sua trajectória com a publicação do livro 365 Dicas para Não Dar Erros. O projecto nasceu de um desafio lançado pela editora Penguin Random House, na sequência do trabalho que Rita vinha realizando nas redes sociais. A obra permitiu reunir e aprofundar conhecimentos que anteriormente partilhava com a sua comunidade digital, organizando-os num formato pensado para acompanhar os leitores ao longo do ano.

No entanto, a autora não quis limitar o livro a uma compilação de erros comuns e respectivas correcções. A sua intenção foi apresentar uma visão mais abrangente da língua, explorando também regionalismos, influências de outras línguas, questões relacionadas com o Acordo Ortográfico e diversas curiosidades que revelam a riqueza do português. Acredita que conhecer a língua implica compreender a sua diversidade e evolução, reconhecendo que o vocabulário e as formas de expressão transportam consigo elementos históricos, culturais e sociais.

A publicação reflecte, por

isso, a mesma filosofia que orienta o seu trabalho digital: ensinar sem tornar a aprendizagem inacessível. Ao apresentar as explicações de forma simples e descontraída, Rita procura incentivar os leitores a investigar, esclarecer dúvidas e desenvolver uma relação mais próxima com a língua. O livro representa também o reconhecimento de um percurso iniciado com a partilha de conteúdos nas redes sociais e demonstra como um projecto digital pode abrir portas a novas oportunidades profissionais e editoriais.

Na era da comunicação instantânea, a sua intervenção ganha particular relevância. As redes sociais e as plataformas de mensagens favoreceram formas de escrita mais rápidas, marcadas por abreviaturas, frases curtas e menor atenção à pontuação. Rita reconhece que estes recursos podem ser adequados a contextos informais, mas alerta para os riscos de transportar os mesmos hábitos para ambientes profissionais, académicos ou institucionais, onde a clareza e o rigor assumem outra importância.

Uma mensagem mal estruturada ou um documento com erros frequentes pode prejudicar a percepção que os outros têm do cuidado e do profissionalismo de quem escreve. Isso não significa, contudo, que um erro ortográfico determine a capacidade de uma pessoa ou apague a qualidade do seu trabalho. A preocupação surge quando a escrita pouco cuidada dificulta a compreensão, desvia a atenção das ideias ou transmite uma imagem que não corresponde ao empenho e à competência do autor. Para Rita, saber comunicar é uma competência que deve ser valorizada em diferentes áreas profissionais, porque influencia a forma como apresentamos propostas, defendemos ideias, construímos relações e aproveitamos oportunidades.

Melhorar essa competência exige continuidade e disposição para aprender. A especialista recomenda a leitura regular de diferentes géneros literários e autores, a consulta de dicionários e gramáticas e o registo de palavras novas, acompanhadas dos respectivos significados e exemplos de utilização. Sugere igualmente que se procurem sinónimos para evitar

repetições e que se desenvolva o hábito de reler os próprios textos antes de os considerar concluídos. São práticas simples, mas que, quando incorporadas na rotina, contribuem para enriquecer o vocabulário, melhorar a construção das frases e reduzir a repetição de erros.

Um dos aspectos que considera necessário combater é a ideia de que, por ser a nossa língua materna, o português não precisa de ser estudado depois da escola. Muitas pessoas continuam a investir na aprendizagem de línguas estrangeiras, mas assumem que já dominam suficientemente a língua que utilizam todos os dias. Rita defende uma atitude diferente: reconhecer que o conhecimento linguístico pode sempre ser aprofundado e que as dúvidas não devem ser encaradas como motivo de vergonha, mas como oportunidades de aprendizagem.

O futuro do seu trabalho passa pela continuidade do projecto Meia Dúzia de Erros, pela revisão de textos académicos e literários e pelo desenvolvimento de formações individuais e empresariais. Através destas iniciativas, pretende ajudar mais pessoas a aperfeiçoarem a escrita e a comunicação oral, adquirindo maior clareza, confiança e correcção. A sua ambição não se limita a aumentar o conhecimento sobre regras gramaticais; procura contribuir para que a língua seja utilizada de forma mais consciente, tanto na vida pessoal como no exercício profissional.

Ao olhar para o caminho percorrido, Rita Asseiceiro demonstra que uma atenção aparentemente simples aos detalhes pode transformar-se numa vocação capaz de alcançar uma comunidade cada vez maior. Entre a revisão de textos, a formação, a produção de conteúdos digitais e a publicação de livros, tem construído uma intervenção assente na partilha de conhecimento e na valorização da Língua Portuguesa. O seu percurso recorda que aprender é um processo contínuo e que reconhecer uma dúvida constitui, muitas vezes, o primeiro passo para encontrar uma resposta.

Aos 27 anos, Rita continua a apostar numa missão que combina conhecimento, rigor e proximidade, procurando tornar a aprendizagem mais acessível e despertar o interesse de quem, muitas vezes, utiliza a língua sem conhecer plenamente as suas possibilidades. Como costuma dizer, «A sabedoria vem com “Meia Dúzia de Erros”». A frase traduz uma visão em que errar não representa o fim da aprendizagem, mas uma oportunidade para evoluir.

Num mundo em que comunicar é essencial para construir relações, afirmar competências e conquistar oportunidades, Rita Asseiceiro procura mostrar que cuidar da Língua Portuguesa é também cuidar da forma como nos fazemos compreender. O legado que ambiciona deixar não se mede apenas pelo número de erros corrigidos, mas pela curiosidade despertada, pela confiança conquistada e pela capacidade de levar cada vez mais pessoas a descobrir a riqueza da língua que partilham.



PATRÍCIO CORREIA DE SÁ:

A moda como expressão da identidade, da resistência e do património africano



Natural de Bissau, Guiné-Bissau, onde nasceu a 17 de Março de 1991, Patrício Correia de Sá tem vindo a construir um percurso que cruza a moda, a criatividade e a valorização da identidade africana. Aos 35 anos, licenciado em Marketing e Comércio Internacional, pai de uma filha e interessado em iniciativas de carácter comunitário, encontrou na criação de vestuário uma forma de expressar a sua visão do mundo, homenagear as suas origens e contribuir para a divulgação do património cultural guineense. A sua relação com a moda ultrapassa a dimensão estética: cada peça representa uma oportunidade de afirmar valores, contar histórias e demonstrar que a cultura africana possui referências ca-

pazes de inspirar novas linguagens criativas.

A sua personalidade foi moldada também pelo interesse pelas causas sociais e pela admiração por figuras que marcaram a história africana. Entre as suas referências encontram-se Kwame Nkrumah, Patrice Lumumba, Samora Machel e Amílcar Cabral, personalidades associadas às lutas pela liberdade, à afirmação política e à construção de uma consciência africana. No plano familiar, destaca a influência da avó, Maria Santa Cabral, e das mulheres guineenses de gerações anteriores, que fizeram do pano de pente um símbolo de resistência, dignidade e valorização feminina. Estas referências ajudam a compreender a visão de Patrício, para quem a identidade cultural não deve ser encarada como uma herança estática, mas

como uma fonte de inspiração para construir o presente e preparar o futuro.

A paixão pela moda começou quando tinha apenas dez anos. Foi o primo Nivaldo Yandú quem o aproximou do universo das passarelas, levando-o a desfilar pelas ruas do bairro de São Vicente Paulo. Naquela fase, a experiência representava sobretudo o entusiasmo de um jovem que descobria uma nova forma de expressão. Com o tempo, porém, aquele contacto inicial transformou-se numa paixão duradoura, que viria a acompanhar diferentes etapas da sua vida. O ambiente do bairro, as experiências vividas e o contacto com outras pessoas contribuíram para despertar um interesse que, anos mais tarde, se converteria numa actividade criativa e numa aposta profissional.

A experiência como modelo permitiu-lhe compreender a moda a partir de dentro. Mais do que vestir uma peça e apresentá-la ao público, desfilando exige postura, disciplina, preparação e capacidade de transmitir uma mensagem através da imagem. Esse conhecimento tornou-se particularmente importante quando começou a explorar a criação de vestuário. Ao participar em concursos de Mister, Patrício teve contacto com diferentes produções e propostas estéticas, desenvolvendo uma relação cada vez mais próxima com o processo de concepção das peças que utilizava. Nesse percurso, o acompanhamento do seu agente, GALAS SEC, desempenhou um papel importante na motivação para avançar com as suas próprias criações.

A transição de modelo

para estilista não significou, contudo, um afastamento definitivo das passarelas. Desde 2018, Patrício mantém uma actividade ligada à criação de vestuário, procurando desenvolver propostas que traduzam a sua identidade e a sua visão da moda. O regresso mais activo ao universo dos desfiles surgiu também na sequência dos incentivos de agentes e pessoas ligadas ao sector, que continuaram a reconhecer nele a capacidade de voltar a apresentar-se nas passarelas. A vontade de regressar nasceu ainda de uma necessidade prática: depois de criar determinadas peças, sentia que nem sempre encontrava modelos capazes de as apresentar exactamente como idealizava.

Esta realidade levou-o a reconsiderar a sua presença directa nos desfiles, recuperando uma ligação que permanece importante na sua trajetória. Para Patrício, voltar à passarela representa também uma forma de recordar os colegas com quem partilhou experiências e que, entretanto, seguiram outros caminhos profissionais. As passarelas fazem parte da sua história e constituem uma memória colectiva de uma geração que contribuiu para dinamizar o universo da moda na Guiné-Bissau. O regresso assume, assim, uma dimensão pessoal e simbólica, permitindo-lhe reencontrar uma paixão antiga e continuar a participar num espaço onde a criatividade, a imagem e a identidade se cruzam.

Enquanto criador, procura desenvolver peças que conciliem elegância, originalidade e afirmação cultural. A atenção aos detalhes constitui um dos elementos centrais do seu trabalho, uma vez que acredita que a identidade de uma criação também se revela nos acabamentos, na escolha dos materiais e na forma como os diferentes elementos se articulam. A sua abordagem parte do princípio de que a moda africana não precisa de abandonar as suas referências para dialogar com as tendências internacionais. Pelo contrário, considera que os criadores do continente devem fortalecer aquilo que lhes pertence, explorando os seus patrimónios culturais com confiança e transformando-os em propostas contemporâneas capazes de conquistar diferentes públicos.

É nesta perspectiva que o pano de pente ocupa um lugar central na sua visão criativa. Na Guiné-Bissau, este tecido possui um significado cultural que ultrapassa a sua utilização como elemento de vestuário. Está associado a cerimónias importantes, homenagens e ocasiões em que oferecer um tecido representa uma demonstração de consideração e respeito. A sua presença na vida social guineense revela a importância das tradições têxteis na construção da identidade colectiva e na transmissão de valores entre gerações. Para Patrício, valorizar este património significa reconhecer a riqueza de uma expressão cultural que merece maior visibilidade dentro e fora do continente africano.

A importância atribuída ao pano de pente está igualmente relacionada com o papel das mulheres na preservação da cultura guineense. Ao longo das gerações, foram muitas vezes as mulheres que mantiveram vivas determinadas práticas, transmitindo conhecimentos e utilizando os tecidos como formas de expressão social, cultural e simbólica. A resistência feminina, a capacidade de enfrentar dificuldades e a preservação dos valores ancestrais encontram, na visão do estilista, uma representação significativa neste património. Ao integrar estas referências nas suas criações, procura reconhecer o contributo das mulheres para a continuidade da identidade cultural e mostrar que a tradição pode permanecer viva através de novas interpretações.

novas propostas de vestuário. Ao relacionar a criação com a memória de uma tragédia, Patrício procura reconhecer a dor das famílias e a coragem das pessoas que se aproximaram do perigo na tentativa de ajudar. A moda torna-se um meio de expressão capaz de acolher sentimentos colectivos, transmitir mensagens e chamar a atenção para acontecimentos que não devem ser esquecidos. Nesta abordagem, a criatividade não se limita à procura de beleza: transforma-se também numa forma de homenagem, reflexão e afirmação da ligação entre o artista e a sociedade a que pertence.

O percurso de Patrício tem sido marcado por desafios, sobretudo nas fases iniciais da sua afirmação profissional. Como acontece com muitos criadores que procuram consolidar

uma carreira num mercado com recursos limitados, teve de enfrentar obstáculos relacionados com oportunidades, reconhecimento e condições para desenvolver o seu trabalho. Apesar das dificuldades, continuou a investir na sua visão e a procurar espaços onde as suas criações pudessem ser apresentadas a públicos mais amplos. A sua participação em iniciativas internacionais, incluindo a CPLP Fashion Week e o Milano Glamour Fashion Show, representou uma oportunidade de contacto com outros contextos da indústria e de exposição do seu trabalho para além das fronteiras guineenses.

Nessas experiências, alcançou distinções que reforçaram o reconhecimento da sua trajectória. Patrício refere ter conquistado dois prémios, incluindo as distinções de Melhor Vestido do Ano e Melhor Estilista Internacional, esta última associada a um troféu de ouro. Para o criador, estas conquistas representam etapas importantes de um percurso construído com persistência e vontade de continuar a evoluir. Mais do que o valor simbólico dos prémios, as distinções demonstram a possibilidade de levar a criatividade guineense a diferentes palcos e de afirmar que os profissionais africanos podem contribuir para a diversidade e a qualidade da moda internacional.

Ainda assim, o caminho não esteve isento de momentos em que considerou abandonar alguns dos seus objectivos. As dificuldades burocráticas chegaram a colocar à prova a sua motivação, obrigando-o a confrontar-se com obstáculos que nem sempre



Uma das expressões mais sensíveis desta ligação entre moda, memória e cultura surge numa colecção concebida como homenagem às vítimas de uma tragédia ocorrida na Guiné-Bissau, em Fevereiro do ano a que se refere o seu relato. Segundo Patrício, um incêndio numa bomba de combustível de um pequeno empreendedor levou jovens, crianças e mulheres a tentarem ajudar a combater as chamas, sem conhecerem plenamente os riscos envolvidos. A situação acabou por resultar numa explosão que provocou mortes e deixou outros sobreviventes com ferimentos graves. Perante um acontecimento desta natureza, o estilista encontrou na criação artística uma possibilidade de prestar homenagem às vítimas e preservar a memória de um episódio que marcou a comunidade.

A colecção assume, assim, uma dimensão que ultrapassa a apresentação de



dependiam da qualidade das suas criações. Com o tempo, porém, aprendeu a lidar com essas barreiras sem permitir que determinassem o futuro do seu trabalho. A experiência ensinou-lhe a adaptar-se às circunstâncias, a procurar alternativas e a compreender que a persistência é indispensável para quem pretende construir uma carreira num sector competitivo. Essa capacidade de adaptação é também uma das competências que considera importantes para responder às mudanças e às tendências do mercado.

Entre os principais desafios que identifica para o desenvolvimento da moda africana estão o acesso às matérias-primas e o poder de compra dos consumidores. Estes factores podem condicionar tanto a capacidade de produção dos criadores como o acesso do público a peças concebidas localmente. A disponibilidade de materiais adequados, os custos associados à produção e as limitações económicas de uma parte dos consumidores tornam necessário encontrar soluções que conciliem qualidade, criatividade e viabilidade comercial. Para Patrício, a afirmação dos estilistas africanos depende não apenas do talento individual, mas também da criação de condições que permitam

transformar a criatividade em actividade sustentável.

A sua visão para o futuro está profundamente ligada à internacionalização do pano de pente e à possibilidade de o ver utilizado em diferentes países africanos, incluindo Moçambique. O objectivo é contribuir para que este património guineense alcance novos públicos, seja reconhecido pela sua qualidade e encontre espaço em diferentes propostas de vestuário. Essa expansão permitiria valorizar a cultura da Guiné-Bissau, ao mesmo tempo que abriria novas possibilidades de colaboração entre criadores, mercados e comunidades africanas. Para o estilista, a circulação destas referências deve ser acompanhada pelo respeito pela sua origem e pelo reconhecimento das tradições que lhes conferem significado.

Esta ambição insere-se numa visão mais ampla sobre o papel da moda na afirmação de África. Patrício acredita que os criadores do continente devem continuar a desenvolver propostas próprias, sem sentirem vergonha das suas raízes ou da utilização de elementos culturais locais. A moda pode funcionar como uma linguagem universal, mas a sua força também reside na capacidade de transmitir a história e a singularidade de quem a produz. Ao defender a valorização das referências africanas, procura incentivar uma geração de criadores a olhar para o património cultural como uma vantagem criativa e não como uma limitação perante as tendências internacionais.



Na sua perspectiva, o crescimento da indústria da moda africana exige também uma maior valorização da qualidade e do trabalho dos profissionais locais. A afirmação internacional não deve depender apenas da participação em desfiles ou da conquista de prémios, mas igualmente da capacidade de desenvolver marcas consistentes, estabelecer relações comerciais e criar produtos que correspondam às expectativas dos consumidores. O talento precisa de ser acompanhado

por organização, conhecimento do mercado e condições que permitam aos estilistas transformar as suas ideias em negócios sustentáveis. A formação em Marketing e Comércio Internacional constitui, neste contexto, uma base que pode contribuir para a compreensão das oportunidades comerciais e dos caminhos necessários para ampliar o alcance das suas criações.

Actualmente, Patrício encontra-se envolvido na

preparação de uma nova edição do seu desfile oficial na Guiné-Bissau, que pretende assumir um carácter especial. O evento deverá culminar num Fashion Show com a participação anunciada de sete países — Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Portugal, Brasil, São Tomé e Príncipe e Senegal — e mais de 14 estilistas. A iniciativa pretende criar um espaço de encontro entre diferentes expressões criativas, promovendo a partilha de experiências e a aproximação

entre profissionais ligados à moda. Ao reunir participantes de vários países, o desfile poderá contribuir para reforçar as ligações culturais e profissionais entre comunidades que partilham histórias, referências e interesses no desenvolvimento da indústria criativa.

Para além da dimensão artística, esta iniciativa representa uma oportunidade de projectar a Guiné-Bissau como um espaço de criação, encontro e valorização cultural. A

memória colectiva e os projectos de internacionalização, Patrício continua a construir uma visão que procura aproximar tradição e contemporaneidade. A sua ambição é fazer do pano de pente uma presença reconhecida além das fronteiras da Guiné-Bissau e afirmar que a moda africana tem história, identidade e qualidade próprias — e que o seu futuro também se constrói a partir das raízes que os seus criadores escolhem honrar.

presença de estilistas de diferentes geografias poderá favorecer novas parcerias, estimular a circulação de ideias e demonstrar a diversidade existente na moda africana e nas suas diásporas. Para Patrício, a realização do evento está alinhada com a intenção de dar maior visibilidade aos criadores guineenses e mostrar que o património nacional pode ocupar um lugar relevante em plataformas de dimensão internacional.

A sua trajectória reúne diferentes dimensões: o jovem que descobriu a paixão pelas passarelas ainda na infância, o modelo que ganhou experiência nos concursos, o estilista que passou a desenvolver as próprias criações e o profissional que procura levar a cultura guineense a novos mercados. A paternidade e o interesse pelo trabalho comunitário acrescentam outras perspectivas à sua identidade, reforçando a ligação entre a realização individual e a vontade de contribuir para a sociedade. As suas referências históricas, familiares e culturais continuam a orientar uma visão em que a moda pode servir para preservar memórias, valorizar tradições e inspirar novas gerações.

Patrício Correia de Sá pretende que o seu trabalho seja reconhecido não apenas pela elegância das peças, mas também pela mensagem que transportam. Ao colocar o pano de pente no centro da sua visão criativa, procura afirmar a riqueza do património guineense e contribuir para que as tradições africanas encontrem novas formas de expressão. O desafio passa por transformar referências ancestrais em propostas actuais, sem perder o respeito pela sua origem nem o significado que carregam para as comunidades.

JANINE M. GONÇALVES:

Reencontrar-se para viver com mais leveza e autenticidade

Durante muito tempo, Janine M. Gonçalves foi a mulher que cuidava de todos, resolvia problemas e procurava corresponder às expectativas dos outros. No entanto, enquanto assumia responsabilidades e se dedicava às necessidades alheias, foi-se esquecendo de si própria. Hoje, como terapeuta sistêmica e integrativa, acompanha mulheres que procuram recuperar a ligação à sua identidade, compreender os seus padrões emocionais e construir uma vida mais consciente e autêntica. A sua missão nasceu de uma experiência pessoal que transformou a forma como compreende o amor, as relações e a importância do autocuidado.

que precisava de corresponder para ser amada. Com o tempo, tornou-se perfeccionista e rígida, deixando pouco espaço para a espontaneidade e para os próprios desejos.

O nascimento do primeiro filho trouxe-lhe uma pergunta decisiva: quem era para além dos papéis que desempenhava? Ao perceber que já não se reconhecia plenamente, iniciou um processo de autoconhecimento, através do estudo do desenvolvimento humano e da terapia. O nascimento da filha reforçou a vontade de viver com mais leveza, aceitando as próprias imperfeições e reconhecendo que também merecia ocupar um lugar na sua própria vida.

Foi nesse percurso que encontrou a motivação para acompanhar outras mulheres. Janine reconheceu que muitas viviam situações semelhantes: cuida-



A infância, marcada por doenças e perdas familiares, levou-a a crescer depressa e a assumir responsabilidades que nem sempre lhe pertenciam. Habitou-se a cuidar, organizar e resolver, acreditando

vam da família, respondiam às exigências profissionais e procuravam estar disponíveis para todos, mas tinham dificuldade em identificar aquilo de que precisavam. Para ela, o problema não está em cuidar

dos outros, mas em fazê-lo ao ponto de desaparecer dentro das responsabilidades.

A perda de ligação consigo própria nem sempre se manifesta através de uma crise evidente. Pode surgir na dificuldade em descansar, na culpa ao dizer «não», na necessidade de controlar tudo ou numa sensação de vazio que persiste apesar das conquistas pessoais. Estas experiências podem afectar as relações, gerar ressentimento e dificultar a comunicação das necessidades individuais. Janine defende, por isso, a importância de observar estes sinais sem culpa e de procurar apoio quando o



sofrimento começa a interferir com o quotidiano.

A sua abordagem considera também a influência das experiências da infância e das dinâmicas familiares na vida adulta. As formas de amar, resolver conflitos e procurar aceitação são, muitas vezes, aprendidas nas primeiras relações e podem continuar a influenciar as escolhas ao longo dos anos. Compreender esses padrões permite questionar comportamentos que já não servem e desenvolver formas mais conscientes de estabelecer relações, sem considerar o passado uma sentença sobre o futuro.

Dessa necessidade de integrar diferentes ferramentas de acompanhamento nasceu o Método Conexa, um programa individual de 12 semanas organizado em seis etapas: O Nó, O Olhar, A Margem, O Ritmo, O Vislumbre e Conexa. O percurso procura ajudar cada mulher a compreender a própria história, reconhecer padrões, estabelecer limites e experimentar novas possibilidades de relacionamento consigo mesma e com os outros.

construir relações mais honestas e equilibradas.

O seu objectivo é ajudar mulheres a deixarem de viver exclusivamente em função das expectativas alheias e a recuperarem espaço para os seus desejos, a sua identidade e a sua autenticidade. Acredita igualmente que esse processo pode influenciar positivamente as relações familiares, permitindo que as novas gerações encon-



O método integra a reflexão sobre pensamentos, emoções e relações com práticas que podem incluir escrita terapêutica, dança-terapia e exercícios corporais, de acordo com as necessidades de cada pessoa. O trabalho continua entre as sessões, permitindo que os conhecimentos adquiridos sejam aplicados à vida quotidiana. Janine respeita o ritmo individual e procura avaliar se este acompanhamento é adequado a cada situação, reconhecendo que nem todas as pessoas necessitam da mesma abordagem.



Entre os temas centrais do seu trabalho está a diferença entre amar e anular-se. Para a terapeuta, dizer sempre «sim» por medo de desiludir ou perder a aceitação pode afastar uma mulher das próprias necessidades. Estabelecer limites não significa deixar de amar, mas reconhecer que o cuidado deve incluir também quem cuida. Embora a culpa possa surgir durante esse processo, aprender a respeitar os próprios limites permite

trem formas mais conscientes de expressar emoções e estabelecer vínculos.

Às mulheres que passaram anos a cuidar de todos e já não sabem identificar aquilo de que precisam, Janine deixa uma mensagem de esperança: «Ainda estás aí». Para si, não é necessário descobrir todo o caminho de uma só vez. O primeiro passo pode ser simplesmente começar a

escutar-se, reconhecer uma necessidade e permitir-se fazer escolhas diferentes.

Através do Método Conexa e do seu trabalho como terapeuta sistémica e integrativa, Janine M. Gonçalves procura mostrar que nenhuma mulher precisa de se abandonar para merecer amor ou pertencer a algum lugar. Reencontrar-se é aprender a cuidar dos outros sem deixar de cuidar de si e construir uma vida em que a própria identidade também tenha espaço para existir.



LUCIANA PEIXOTO:

A arte de alinhar imagem, comunicação e propósito